

PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA

SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO



CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO – NUAPE

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA
Publicado por UNIFSA em associação com Lestu Publishing Company
Design Gráfico, Editoração e Organização: Ana Kelma Cunha Gallas
Preparação de originais: Edson Rodrigues Cavalcante
TI publicações OMP Books: Eliezyo Silva
Lestu Publishing Company: editora@lestu.org



Este título possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives* 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2018 UNIFSA/LESTU

Todos os capítulos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados na XVI Semana Científica - 2018, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U58 GALLAS, Ana Kelma Cunha.

Práticas exitosas e inovadoras em pesquisa: trabalhos premiados na XVI Semana Científica do UNIFSA – SEC 2018 | Centro Universitário Santo Agostinho / Ana Kelma Cunha Gallas (Org.). Teresina: UNIFSA, 2018/ São Paulo: Lestu, 2018.

312 p. *online*.

ISBN: 978-65-996314-0-5

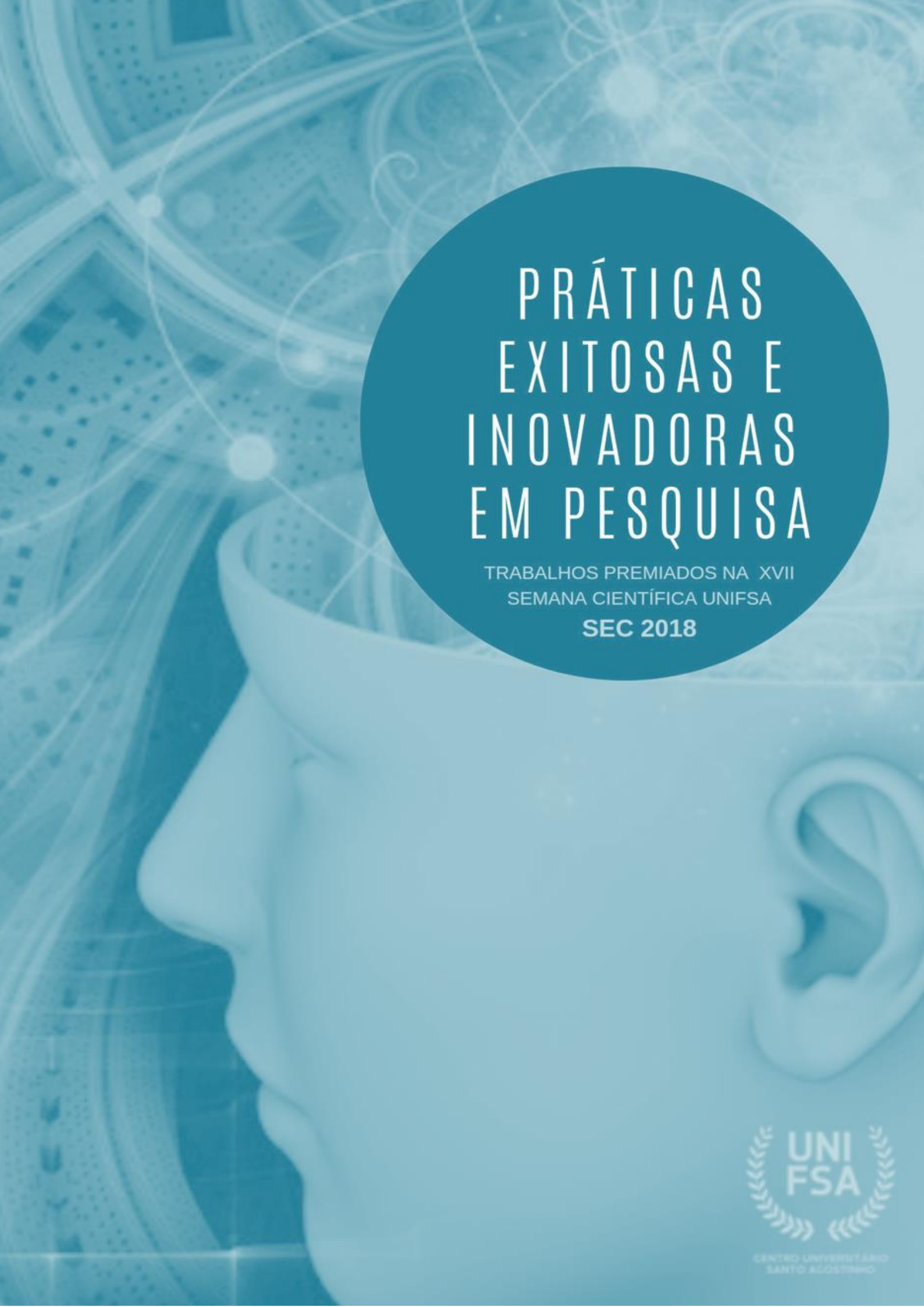
DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-0-5

Disponível em: <https://lestu.org/books/>

1. Semana Científica. 2. Pesquisa. 3. Inovação. 4. Sustentabilidade. 5. Ciência.

I. GALLAS, A. K. C. (Org.). II. Título. III. UNIFSA. IV. SEC 2018

CDD: 904.



PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA
SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

13

A EFETIVIDADE DA INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSAS¹

Maisa Bastos Nunes²
Carlos Antonio Santos³



RESUMO

O envelhecimento da população tem demandado iniciativas, como a inclusão digital de idosas, cuja efetividade vem sendo investigada, constituindo-se no objetivo principal desta pesquisa. Já os objetivos específicos buscaram analisar como o uso das tecnologias e da internet é percebido por idosos, verificar quais aspectos da vida podem ser melhorados, identificar a forma como os idosos percebem a inclusão digital e verificar como isso repercute na sua autoimagem. A pesquisa está respaldada pela sua atualidade e relevância no cenário da Era Digital e busca debater as possibilidades e limitações que a inclusão digital de idosos encontra, trazendo também a percepção dos envolvidos sobre esse processo. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa descritiva, com 10 idosas, participantes de um grupo de convivência de uma Instituição de Ensino Superior Privada que mantém um programa de desenvolvimento socioeducacional para idosos, que oferece, entre as atividades, aulas de informática. As participantes situaram-se na faixa etária entre 63 e 88 anos, sendo todas do gênero feminino. Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada e submetidos a uma análise de conteúdo complementada por um questionário sociodemográfico. Foi possível verificar que os idosos veem com certo receio o avanço das tecnologias, percebendo seus pontos positivos e negativos. Percebeu-se a divergência de opiniões referentes a inclusão digital, chegando até a visões opostas. Por fim, a efetividade da inclusão digital, neste caso, depende de melhorias no projeto, como o aumento do tempo voltado para as aulas de informática e, também, de questões externas, já que parte das participantes não tinha como praticar em casa ou em outro local.

Palavras-chave: Tecnologias. Terceira idade. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é resultante da transição nas taxas de mortalidade e fecundidade de um determinado local. A nível nacional e mundial, tem-se observado que

¹ Trabalho apresentado na XVI Semana Científica do Centro Universitário Santo Agostinho – SEC 2018, evento realizado em Teresina, de 29 de setembro a 5 de outubro de 2018.

² Graduanda do curso de Psicologia da FACID WYDEN. E-mail: isabastos23@gmail.com

³ Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: carlo_antonio@yahoo.com.br

a expectativa de vida tem aumentado, ao mesmo tempo que o número de nascimentos tem diminuído. A longo prazo isso resulta na modificação do número de pessoas em cada faixa etária, o que traz consigo novos desafios para uma sociedade com cada vez mais idosos (SOARES; ISTOE, 2015).

Envelhecer com qualidade de vida, manter-se ativo, adaptar às novas tecnologias e usufruir dos benefícios do mundo em rede tem sido apenas alguns dos pontos debatidos atualmente (SOARES; ISTOE, 2015). Ao se falar em inclusão digital é necessário pensar também em questões como: De que forma é percebido o uso das tecnologias e da internet? Quais aspectos da vida podem ser melhorados? Como os idosos percebem a inclusão digital? Como isso repercute na autoimagem do idoso?

Assim, justifica-se essa pesquisa com base em sua atualidade e relevância no cenário da Era Digital, debatendo-se as possibilidades e limitações que a inclusão digital de idosos encontra, trazendo também a percepção dos envolvidos nesse processo.

Esta pesquisa possui como objetivo geral: Investigar a efetividade da inclusão digital de idosos. E como objetivos específicos: Analisar como o uso das tecnologias e da internet é percebido, verificar quais aspectos da vida dessas pessoas podem ser melhorados, identificar a forma como os idosos percebem a inclusão digital e verificar como isso repercute na sua autoimagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na Era Digital o acesso e conhecimento acerca das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) contribuem para a interação grupal, principalmente com as novas gerações, à medida que insere o idoso nos movimentos atuais, aproximando e viabilizando uma comunicação mais efetiva. Pode-se considerar a inclusão digital como sendo uma estratégia para o envelhecimento saudável e o exercício da cidadania (VARELA, 2012).

As últimas gerações, que já nasceram em um contexto mais tecnológico, tem expressiva facilidade em acompanhar as inovações, valorizando a agilidade e praticidade. Em contrapartida, os idosos sentem-se bombardeados frente a esse avanço acelerado, apresentando dificuldade em acompanhá-lo (VARELA, 2012).

Apesar dos declínios próprios do processo de envelhecimento os idosos desejam incluir-se digitalmente. Contudo, as interfaces são pensadas para o público jovem,

deixando de lado a acessibilidade. Uma alternativa pensada para intervir nessa situação tem sido as tecnologias assistivas, que podem ser utilizadas para se alcançar um determinado objetivo por meio das TIC's ou quando o objetivo é a utilização das próprias TIC's (TAVARES; SOUZA, 2012).

A tecnologia existente na juventude dos idosos era algo mais primitivo, que ainda se desenvolvia a passos lentos, sendo linear e unidirecional. A interatividade e hipertextualidade tornam-se assim um desafio à inclusão digital. Diante disso, o que tem sido proposto são cursos direcionados para esse público, a fim de diminuir a exclusão enfrentada pelos idosos. Um exemplo de iniciativa são as Universidades Abertas da Terceira Idade (Unati), que tem contribuído para uma sociedade mais inclusiva (LORETO; FERREIRA, 2014).

Na pesquisa realizada por Loreto e Ferreira (2014) na Unati-UERJ percebeu-se a ausência de um projeto teórico-metodológico para o curso de informática. Esse fato, somado ao modelo pedagógico de transmissão de informações, a ausência de preparação dos professores envolvidos, o conteúdo repetitivo em diversas aulas, problemas na infraestrutura oferecida, revela a necessidade de melhorias na iniciativa, levando em conta o caráter dinâmico e a necessidade educacional do público que atende, aproximando-se assim da realidade desses indivíduos e proporcionando uma experiência mais proveitosa.

Do ponto de vista teórico, o ideal seriam turmas de até 15 pessoas, com encontros semanais e com um aluno por computador. O ritmo progressivo e constante é o mais indicado para esse público, pois a sobrecarga de informações pode causar confusão e frustração. A repetição de algumas tarefas pode ser um aliado na memorização, que precisa ser mais estimulada nessa faixa etária (BOLZAN; LÖBLER, 2013).

A pesquisa conduzida por Bolzan e Löbler (2013) revela a contribuição da inclusão digital para autoestima de idosas acostumadas a lidar com a impaciência de familiares e ouvir frases relativas a uma suposta incapacidade de aprender. Apesar da fragilidade na infraestrutura desse projeto, percebeu-se que o desejo de aprender não diminuiu. As aulas eram teóricas e práticas, sendo necessária a troca de computadores e a formação de duplas. O momento de praticar no computador era o mais valorizado na aula, sendo creditado pelas alunas como essencial para o aprendizado. Entre as dificuldades indicadas pelas idosas estão: memorizar os procedimentos, utilizar o mouse em cliques duplos,

selecionar textos e os cliques sucessivos quando o computador demorava para responder. Contudo, também foi apontado que o ambiente pôde proporcionar a socialização entre os membros.

Dias (2012) revela que no grupo pesquisado pessoas acima de 66 anos possuíam menos contato com a internet e o computador do que pessoas entre 55 e 65 anos. As motivações e interesses variam bastante entre aqueles que utilizam as TIC's, percorrendo desde razões profissionais até de lazer. A manutenção de contatos, a ampliação da rede de amizades, manter-se atualizado e realizar pesquisas foram alguns dos pontos mencionados pelos idosos.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa de campo é utilizada para se conseguir informações ou conhecimentos sobre um dado problema ou hipótese investigada, novos fenômenos ou a relação entre eles (PRODANOV; FREITAS, 2013). A pesquisa de abordagem qualitativa busca explicar as relações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu local ou contexto social, analisando-os segundo o ponto de vista dos próprios envolvidos (MINAYO, 2012). Em sua condição de descritiva, a pesquisa procurará descrever o fenômeno estudado, classificá-lo, explicá-lo e interpretá-lo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O trabalho foi realizado com 10 idosas, participantes de um grupo de convivência de uma Instituição de Ensino Superior Privada, que oferecia entre as atividades, aulas de informática. As participantes tinham entre 63 e 88 anos, sendo todas do sexo feminino. A coleta de dados foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, mediante a leitura e assinatura do TCLE, em duas vias, sendo uma da participante e outra da pesquisadora, seguida da aplicação de um questionário sociodemográfico e de uma entrevista semiestruturada cujas respostas foram gravadas com a autorização das participantes, entre as quais 1 preferiu que suas respostas fossem apenas anotadas.

Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2011) consiste em um agrupamento de técnicas de análise do discurso visando a obtenção, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, de indicadores que

possibilitem a obtenção de informações referentes às circunstâncias de produção e recepção destas ideias. Assim, o procedimento envolveu a transcrição das entrevistas semiestruturadas, a sua leitura flutuante, o seu agrupamento em categorias iniciais, intermediárias e finais. Assim, chegou-se a 4 categorias, a saber: a percepção do uso das tecnologias e da internet, aspectos da vida melhorados, inclusão digital; e autoimagem e como é repassada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O uso das tecnologias e da internet

Esta primeira categoria envolve a percepção das participantes acerca da utilização das tecnologias e da internet. As mesmas relatam o avanço que têm percebido, como na fala de F. C. de 68 anos:

Hoje em dia tá muito avançado, as pessoas só querem se comunicar através do What's App, antigamente não tinha... tinha era um celular, era um tijolo. Duas coisas que tá muito avançado [a tecnologia] e a medicina. Antigamente não era assim.

Já outras, percebem os dois lados desse avanço, como representado na fala de F. C. S. A. de 71 anos:

É uma faca de dois gumes, né? Quando o ser humano é bem-intencionado ela tem muita utilidade. Quando não, é uma maldade, é uma coisa que prejudica, porque as pessoas mal-intencionadas marcam brigas, coisas que não deve, não deviam permitir, devia ser cancelado. Grupos, eles combinam brigas, desafetos que acontece até morte. É isso mesmo...

Percebem também a exposição de informações pessoais, como nas falas abaixo:

[...] Qualquer coisa pode ser jogado na internet, uma coisa até que lhe prejudique, que não é bom pra você nem pra ninguém, né? [...]
(M. E. S. O., 68 anos).

[...] A vida da gente agora ficou vazada porque até foto de vez em quando é um escândalo das pessoas divulgando coisas que vê da gente, dá é medo desse avanço [...] (M. P. S. L., 73 anos).

Outra cita ainda outros pontos negativos, como os rackers e os roubos. Percebe-se assim a cautela e receios que as idosas têm diante das novas tecnologias, em especial, a

internet. Além disso, um aspecto a se destacar é que das 10 participantes, 8 não tem Wi-Fi ou modem em casa, 7 utilizam internet de outra maneira, sendo a primeira finalidade a de pesquisa, a segunda a de usar as redes sociais e última de assinatura de TV; metade não tem computador em casa ou mesmo celular digital e 9 não acessam todos os dias. Se formos traçar uma relação, muito do que as idosas sabem sobre a internet é por terem ouvido falar, por verem as notícias, já que quase não possuem acesso ou poder aquisitivo para tal.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), tão valorizadas na produção e compartilhamento de informações, também exclui aqueles que não tem acesso a tal ferramenta. O que tem sido feito para modificar esse cenário são estudos e iniciativas de inclusão digital, impulsionados por uma maior conscientização de idosos interessados em incluir-se (FERREIRA; NEVES, 2011).

4.2 Aspectos da vida melhorados

Nessa categoria foram colocados os aspectos de vida que melhoraram. Como o grupo de convivência participa de várias atividades, entre elas de áreas da psicologia, da fisioterapia e da informática, deixou-se em aberto para que as participantes pudessem falar tanto do projeto que faziam parte, quanto apenas da inclusão digital. Assim, a maioria preferiu falar do projeto como um todo, relatando melhorias na convivência, na relação interpessoal, no humor, no aprendizado, na autonomia com a ferramenta de busca etc. Seguem abaixo algumas falas que demonstram isso:

Sim, eu me soltei um pouco mais. Convivo melhor com as pessoas, é uma relação bem legal (F. C. S. A., 71 anos).

Todos que tão aqui falam a mesma coisa, são muito bem que a gente vive aqui. Ser mais feliz, com mais saúde, mais ânimo, mais tolerância, mais sabedoria. Aqui aprendi coisas que deveria ter aprendido na adolescência, mas nunca é tarde para aprender, hoje tô aprendendo também a informar as palestras que escuto aqui. O que a gente deve fazer, o que não deve, o que deve comer, o que não comer, como a gente deve viver, tratar os outros. Muito bom, muito, muito bom, minha participação aqui com todos os meus amigos (J. C. N., 67 anos).

Totalmente, mudou, eu até aprendi a falar mais em público, que eu não falava, eu era o tipo de pessoa que eu não gostava muito de falar, agora, depois que eu entrei nesse projeto, melhorou 100% (M. N. S. M., 69 anos).

Eu gosto, que se quiser pesquisar uma coisa, eu entro no Google... Como quando eu pesquisei sobre a bomba e a artrite (M. P. S. L., 73 anos).

Ele [o projeto] é importante sim, aqui na faculdade nós somos bem respeitados pelos alunos, pelos professores. Assim aquela questão que você tem que valorizar o ser humano, um dia você vai ficar velho também, né? E nós idosos, nós temos muita riqueza intelectual, entendeu? Então vale a pena a inclusão do idoso, envelhecer é uma benção (M. J. P. S., 63 anos).

Muito se creditou ao projeto como um todo, pois os grupos de convivência para idosos melhoram a qualidade de vida e o aspecto cognitivo destes, ao promoverem atividades que os mantêm ativos, física e mentalmente (LEITE et al, 2012).

4.3 Inclusão digital

Segundo Silveira et al. (2010, p. 5) "a inclusão digital é a democratização do acesso ao mundo da informática" e pode ser vista também como uma forma de inclusão social, pois a partir do acesso às TIC's abrem-se novas possibilidades de participação social, de inclusão desses sujeitos em costumes e usos que não faziam parte de sua época, mas que estão presentes atualmente.

Quando perguntadas se percebiam alguma diferença na inclusão digital de jovens e idosos as opiniões divergiram bastante, indo desde a igualdade na hora do aprendizado até o sentimento de inferioridade, como mostrado abaixo:

Não tem diferença, a gente aprende do mesmo jeito que os jovens, as monitoras são pacientes, ensinam com calma (F. C., 68 anos).

O jovem tem mais experiência, já o idoso não tem aquela experiência que o jovem tem, mas eu entro de frente. Vamos pra frente. Meu pensamento é positivo, nada de negativo (F. M. N., 72 anos).

É diferente sim, muito diferente, até porque os jovens já têm uma mente melhor, já tem uma visão melhor, e a gente não. Eu, por exemplo, que cheguei agora, que agora que tô começando a pegar no computador. É muito diferente. Mas um dia eu chego lá (M. E. S. O., 68 anos).

Serve para todo mundo, porque os jovens sabem mais, mas vocês passam para gente de um jeito que a gente não chega lá como vocês, mas chega perto como eu. A menina me ensinou a passar as fotos para o pen drive, que já era algo que eu não sabia e agora aprendi (M. P. S. L., 73 anos).

O jovem está bem a frente. Parece que a tecnologia foi feita para o jovem, para as crianças, nós idosos estamos sempre um passo atrás (M. J. P. S., 63 anos).

Como pode ser notado nas falas, as participantes percebem limitações suas e do tempo que é dedicado para o computador:

Às vezes eu fico pensando assim que os jovens parecem que aprendem mais ligeiro do que a gente, né? Porque quando chego lá no computador eu digo assim: "oh meu Deus, na segunda-feira eu sabia de tudo e hoje tô aqui e não sei mais de nada e vou aprender tudo de novo". Aí é desse jeito que a gente se sente, aí eu e a maioria dos meus amigos também vive nesse dilema, aprende hoje e depois que chega aqui a gente se esquece porque um dia é muito pouco (J. C. N., 67 anos).

4.4 Autoimagem e como é repassada

Foi-se questionado também sobre como as idosas se viam, o que sentiam e como repassavam isso para a sociedade. Considerando as vivências de cada uma, cada participante queria deixar a sua mensagem, à sua maneira. Assim, estas relataram:

Melhorou a autoestima, melhorou porque vai tendo mais conhecimento, aí não vai tendo depressão (F. C., 68 anos).

De tranquilidade, sabedoria, com paz e com amor (F. C. S. A., 71 anos).

Mudou sim, agora eu me amo muito mais, me cuido, resolvo minhas coisas tudo. Olha, muito, muito bom mesmo. Eu me sinto diferente (M. N. S. M., 69 anos).

De uma pessoa moderna, me considero moderna, acompanhando a evolução. Uma imagem boa, tem que colocar a pessoa para cima como me colocaram porque eu tava lá embaixo. O que eu aprendo eu gosto de passar para quem quer, eu ensino. Falo aqui do projeto, elogio porque é bom mesmo (M. P. S. L., 73 anos).

Agora eu sou mais otimista [...]. Onde eu passo eu sou potência [...]. A pessoa sempre se sentir segura, sou mais eu, não se abalar, porque eu sou negra, mas nunca na minha vida eu tive um problema, porque não me sinto negra, eu me sinto uma cidadã inteligente, culta, que trabalhei através dos meus concursos, meus méritos, da minha inteligência, da minha garra. Sou psicopedagoga, não tô exercendo na área, mas eu pretendo quando minha irmã se formar para gente montar uma salinha e trabalhar em Goiânia [...] porque eu tenho 63 anos, mas eu não sinto que tenho 63 anos, para lhe dizer eu nunca nem me senti adulta, é uma coisa minha, eu não sei (M. J. P. S., 63 anos).

Eu queria passar para elas que eu sou sincera e gosto de todas e são minhas colegas e a cada dia me apego a elas, quanto mais o tempo passa mais a gente tem intimidade e vai conhecendo melhor umas às outras (M. M. S. F., 88 anos).

Não sei se é porque eu sou depressiva, a minha imagem é tão fraca [...]. Eu não passo o que eu sinto, eu passo alegria mesmo sem eu ter, eu passo bondade mesmo sem eu ter, eu passo tudo de bom, mas eu não tenho. Tudo de bom eu passo, porque eu não vou passar tristeza pra ninguém, porque eu não quero ninguém triste como eu. Eu quero todo mundo alegre, nem que seja fingindo, eu finjo alegria pra pessoa (M. E. S. O., 68 anos).

A autoimagem reflete a maneira como os idosos são vistos na sociedade, como este sujeito enxerga a si mesmo partindo de sua concepção de mundo, o que na velhice está entrelaçado com a qualidade das relações sociais que estes mantêm, o que fazem do seu tempo livre etc. (MOURA; SOUZA, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada foi possível verificar que os idosos veem com certo receio o avanço das tecnologias, percebendo seus pontos positivos e negativos. Ao se falar dos aspectos melhorados, não foi possível separar apenas os que estavam relacionados à inclusão digital, já que isto era apenas um aspecto trabalhado no grupo de convivência e na fala das participantes se atribuiu grande parte desses aspectos ao projeto como um todo. Percebeu-se a divergência de opiniões referentes a inclusão digital, chegando até a visões opostas.

A autoimagem não é algo passível de generalização, já que depende da vivência de cada pessoa, mas neste grupo especificamente pôde-se observar que a depressão despertava nas participantes uma "autoimagem fraca" e que muitas modificaram essa imagem desde que entraram no projeto. Por fim, a efetividade da inclusão digital, neste caso, depende de melhorias no projeto, como o aumento do tempo voltado para as aulas de informática e também de questões externas, já que parte das participantes não tinha como praticar em casa ou em outro local.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. reimpressão. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BOLZAN, Larissa Medianeira; LÖBLER, Mauri Leodir. As meninas estão na rede: a inclusão digital na terceira idade. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 20, n. 2, 2013, 301-312.

DIAS, Isabel. O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses. **Sociologia, problemas e práticas**, [s. l.], n. 68, p. 51-77, 2012.

LEITE, M. T. et al. Qualidade de vida e nível cognitivo de pessoas idosas participantes de grupos de convivência. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, 2012, p. 481-92.

LORETO, Elisa Sergi Gordilho; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. Desafios e possibilidades para a inclusão digital da terceira idade. **Revista Eletrônica de Educação**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2014, p. 120-137.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. [s. l.]. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, 2012.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2012.

PEREIRA, C.; NEVES, R. Os idosos na aquisição de competências TIC. **Educação, Formação & Tecnologias**, [s. l.], v. 4, n. 2, 2011, p. 15-24.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVEIRA, M. M. et al. Educação e inclusão digital para idosos. **Novas tecnologias na educação**. Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2010.

SOARES, Márcia Regina Pacheco; ISTOE, Rosalee Santos Crespo. Alfabetização e inclusão de pessoas idosas: uma proposta interdisciplinar mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista Científica Interdisciplinar**, [s. l.], v. 2, n. 3, 2015, p. 165-175.

TAVARES, Marília Matias Kesting; SOUZA, Samara Tomé Correa de. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **Novas Tecnologias na Educação**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2012.

VARELA, Carla Cristina Brilha. **O impacto dos cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade**. Lisboa: dissertação de mestrado em Educação da Universidade de Lisboa, 2012.